

ELIANA CARDOSO

Nuvem negra



Copyright © 2016 by Eliana Cardoso

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa

Tereza Bettinardi

Foto de capa

© Josef Koudelka/ Magnum Photos/ Latinstock

Preparação

Silvia Massimini Felix

Revisão

Jane Pessoa

Luciane Gomide Varella

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip)
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

Cardoso, Eliana

Nuvem negra / Eliana Cardoso. — 1^a ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2016.

ISBN 978-85-359-2751-1

1. Ficção brasileira 1. Título.

16-03729

CDD-869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.3

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORAS SCHWARZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

Sumário

1. Desejo, 9
2. Ausência, 12
3. Águas reviradas, 16
4. O meu nome não é João, 22
5. O Buda da Paz, 24
6. Férias no Rio, 31
7. Chove? Nenhuma chuva cai..., 38
8. Glória, 45
9. A nuvem negra chega do Oeste, e é como
a noite, em plena tarde, no meu jardim, 51
10. O meu nome agora é João, 56
11. Ah, na minha alma sempre chove, 64
12. Kalu, 69
13. De mudança, 75
14. Onde é que chove, que eu ouço?, 79
15. Uma noite na ópera, 87

16. Facebook, 96
17. O peso do tempo, 103
18. Colha o dia, 108

1. Desejo

— Estava bom?

Levantei a cabeça e vi João, de pé ao meu lado. Bonitão. Cinquenta anos? Cinquenta e cinco? Retribuí o olhar. Ele continuou ali, os olhos parados nos meus, quase uma provo-*cão, como uma coisa certa que nos minta, como um grande desejo que não mente.* Entreabri a boca para responder, mas continuei calada. Passei a ponta da língua entre os lábios. Ele apontou o prato vazio:

— Gostou?

Ergui as sobrancelhas, quase debochada:

— É da sua conta?

Ele continuou de pé ao lado da mesa, esboçou um sorriso, explicando que era dono do Cozinha da Kalu, e a chef, sua mulher. E se apresentou:

— João da Silva.

— João da Silva? Com essa cara de alemão?

— Pai desconhecido.

Tive quase certeza de que a anedota sobre o pai desco-

nhecido era mentira. Adiei o interrogatório. Alguma coisa me atraía naquele homem grisalho, talvez os olhos cheios de desejo e que exprimiam determinação em desacordo com o sorriso tímido do homem medroso. Elogiei a comida. Ele agradeceu. Dei-lhe meu cartão. Ele leu com diligência.

— Lindo nome. Se quiser alguma coisa diferente, Ana, é só pedir.

— Pode contar que estarei de volta muitas vezes. Moro perto, chego tarde do trabalho, não gosto de cozinhar e aprecio um bom prato.

Alguns dias depois, João apareceu no meu escritório e lhe prestei alguns serviços como advogada em causas trabalhistas que envolviam empregados do restaurante. Naquele mesmo ano, nos encontramos por acaso no Teatro Amazonas. Se me lembro bem, a ópera era *O barbeiro de Sevilha*. Reconhecemos o interesse comum e daí em diante estávamos sempre conversando no Cozinha da Kalu. Eu jantava. Ele tomava uma cerveja. Tornamo-nos grandes amigos.

Durante os quinze anos seguintes, João me fez muitas confidências. Ao ouvir seus relatos desempenhei o papel de psicanalista, escutando em silêncio. Estou convencida de que ele preferia que eu agisse assim. Ele me disse que ao longo dos anos contara para Kalu, sua mulher, os mesmos eventos que agora me relatava. Não entendia a própria necessidade de relembrar e repetir histórias antigas, examiná-las, botá-las na balança. Depois de anos de silêncio, descobrira a necessidade de repeti-las e apreciava meu ouvido acolhedor. Algo lhe escapava e ele andava em busca de significados que não estou segura de que possam existir. Nem para ele nem para quem quer que seja. Eu escutava.

Hesitei por muito tempo diante da vontade de contar a história de João. Algumas vezes discutimos essa possibilidade

e, antes de desaparecer no ano passado, ele me mandou um e-mail dizendo que buscava um novo começo, já não se importava com a opinião dos outros e, se soubesse como fazê-lo, ele mesmo escreveria suas memórias. Deu-me total liberdade para escrever este livro. É verdade que precisei completar algumas lacunas nos relatos de João, usando informações que me chegaram de outras fontes. E evitei sempre qualquer explicação para os fatos que ouvi, seja dele, seja dos outros envolvidos, a não ser os comentários que meus informantes me confidenciaram pessoalmente. Não quero inventar hipóteses a respeito das últimas decisões que João tomou nem sugerir suspeitas.

Esta história não é inventada, mas verdadeira. Mesmo quando precisei usar um pouco de imaginação para preencher os detalhes das cenas às quais não assisti. Mas participei de muitas outras, ganhando conhecimento das pessoas que compartilharam da amizade de João, e convivi com elas. Observei o caminho que ele percorreu. Pesei indícios. Estabeleci ligações. E não vou negar que lhe tenho carinho.

2. Ausência

As lágrimas da panela caíram na chapa quente do fogão e dançaram como a chuva que costuma sapatear nos telhados. Da porta da cozinha de azulejos portugueses e equipamentos modernos, Kalu olhou o quintal cheio de poças d'água. O temporal de março de 2015 deixara parte de Manaus alagada por causa da cheia do rio Negro, mas a casa e o quintal estavam a salvo. Junto da moça, uma velha senhora — alta, alerta, bem magra nos seus oitenta e um anos — estremeceu e, abrindo a boca, engoliu o vento.

Segurando o braço da velha, Kalu caminhou com ela para o quintal e a deixou sentada na cadeira à sombra do marizeiro. Entrou de volta na cozinha movendo as formas redondas dentro do vestido leve, para retornar em seguida com a bandeja e o bule de café, duas xícaras e a tapioca coberta de manteiga. Olharam-se sorrindo e debicaram a tapioca. Sentindo a coceira do sal na língua, engoliram com prazer.

O sol se anunciava forte. A velha olhou o céu:
— Como faz calor em Manaus.

— A chuva virá à tarde.

O vento sacudiu a folhagem da árvore carregada de maris, os galhos se curvando a espalhar o perfume das frutas amarelo-laranja que despencaram no chão e acordaram a ausência de João. Por onde andará João? João e seus olhos claros, que mudam de cor, passando de azul-esverdeados a cíntenos que nem céu coberto de nuvens esgarçadas. Por onde andará João? João e seu cabelo grisalho, a cara às vezes séria, às vezes de zombaria, a voz baixa, pausada, passando de firme a indecisa, sem que o ouvinte conseguisse entender por quê. Por onde andará João?

A velha, a mão esquecida no regaço, observava a elegância de Kalu: olhos de avelã como os de um gato e o rosto duro escondendo dos desconhecidos a ternura que guardava para poucos escolhidos. No anular esquerdo brilhava um solitário. Com seu andar cadenciado, Kalu levou a bandeja e foi buscar a tesoura para podar as raízes das orquídeas na sombra perto do muro.

Terminada a poda, Kalu envolveu com um braço o ombro da velha e as duas caminharam para a sala:

— A Jacinta vai vir na hora do almoço.

— Quem?

— Jacinta, a faxineira.

— Não conheço.

— Conhece. Ela vem todos os dias, antes da chuva.

— Sei. A Jacinta.

— Se precisar de alguma coisa, pode falar pra ela me ligar no restaurante.

— Eu mesma ligo.

— A Ana também vai vir. À noite.

— Pra quê?

— Vem ver como você está.

— Desconfio dela. É enxerida.

— Quer assistir o jornal na televisão? Ouvir a discussão sobre o arrocho fiscal?

A velha não respondeu. Estava pensando. Houve um tempo em que acreditou que existia progresso. Ela e seus companheiros iriam destruir os preconceitos, a superstição, a ignorância, a pobreza. Construir uma sociedade em que todos seriam livres e a justiça, rainha. Aos poucos a vida introduziu rachaduras nas suas ideias e ela se deu conta de que o que acontece hoje nem sempre é consequência do que aconteceu ontem. Coisas impossíveis se tornaram realidade e outras, inevitáveis, se desmancharam no ar. As teorias que alimentaram sua segurança juvenil não resistiram à experiência nem à força dos sentidos, sem os quais é impossível viver, comer, beber e ser feliz. A força dos sentidos e os livros. Para ser feliz, ela também precisava de livros, mesmo tendo deixado de lecionar.

A moça alisou o cabelo da velha, que se lembrou de que Kalu estava esperando uma resposta.

— Não, Kalu. Já me cansei de histórias pra despertar surdos.

— Vai perder as novidades sobre as transações do governo...

— Uma vergonha...

Kalu beijou a testa da velha e se foi a caminho do mercado, antes de distribuir as tarefas no restaurante.

A velha deu uns passos até a cômoda no canto da sala. Remexeu nas gavetas, retirando delas uma pilha de cadernos com etiquetas numeradas, envelopes, páginas soltas, recortes. Pôs os cadernos em ordem, o número mais alto embaixo e o menor em cima. Empilhou os envelopes e as folhas. Examinou os cadernos e alguns recortes. Páginas soltas se esparra-

maram pelo chão. Ela se interessou por um papel amassado e sujo. A letra de João. Parecia uma carta escrita muitos anos atrás. A velha, sentando-se, alisou o papel na saia e recostou-se para ler.

3. Águas reviradas

Com a chave que Kalu me dera para que eu, quando tivesse um tempinho livre, passasse pela casa para dar uma espiada na velha, abri a porta. Eu estava disposta a ajudar durante a ausência de João, na esperança de que a velha tivesse notícias dele. Quando entrei na sala, eu a vi cochilando, folhas de papel esparramadas pelo chão. Olhei uma ou outra, pus as folhas de volta onde estavam e me sentei num canto escuro da sala para descansar os pés; acabei cochilando.

Despertei ao escutar Kalu abrindo a porta da sala, ao chegar já tarde da noite do restaurante, e fiquei no meu canto prestando atenção quando ela se dirigiu à velha:

— Quer ir pra cama?

Silêncio.

Abaixando-se, Kalu aproximou-se da velha que ainda dormitava, a respiração tão lenta que mal se percebia. Nenhuma reação. A moça chegou mais perto e a velha mexeu os ombros. Abrindo os olhos, leu a aflição na cara de Kalu e, lhe acariciando a cabeça, murmurou:

— Calma. Tenha calma.

Desmoronando ao lado da velha, Kalu disse:

— Já não aguento mais essa espera.

Parecia que ia chorar. A velha segurou a mão da moça:

— Conte a história inteira. De onde você veio. Onde encontrou o João pela primeira vez.

— É uma história muito comprida.

A velha tinha tempo, queria ouvir tudo desde o começo. Kalu abaixou os olhos e encheu o peito. Sua voz tremeu um pouco.

— A minha mãe me expulsou de casa quando eu tinha treze anos. Eu estava no ginásio e tinha um amigo, o Raspadinha, proibido de entrar na nossa casa porque era... — e, voltando-se para a velha: — ... daquele jeito, sabe?

— De que jeito?

— Gostava de usar batom e andava gingando a bunda.

— Não acredito que a sua mãe expulsou você de casa por causa da bicha.

— Não, não foi por causa dele. Foi por causa do pai. A gente morava em Belém numa casa pequena. Logo na entrada havia uma salinha com uma porta para a cozinha e outra para o corredor. No corredor ficavam as portas dos dois quartos e a do banheiro. Dez horas da noite e eu estava de cama escovando os dentes pra ir dormir. Pela porta aberta do banheiro eu podia ver o meu pai de bermudas na cama do quarto lá na outra ponta do corredor. O meu pai gritou Kalu vem cá e a minha mãe apareceu do meu lado não sei como e disse não vá com os olhos bem esbugalhados, não vá. Não posso desobedecer ao pai eu disse e a mãe ficou ali parada muito branca com a boca aberta como se fosse gritar. Passei por ela e entrei no quarto. Corta as unhas do meu pé, o meu pai disse, e me deu um alicate. Olhei aqueles pés calejados de

unhas amareladas e senti nojo. Ele disse senta na beirada da cama. Sentei. Ele pôs os pés em cima da minha perna. Corta, repetiu. Tive mais nojo ainda, vontade de empurrar pra longe o pé cascudo. Cortei as unhas duras uma a uma com vontade de chorar. Pronto. Tentei me levantar. Deita aqui do meu lado, o meu pai disse. Não, eu disse. Deita, ele repetiu com olhos fuzilantes de capeta. Deitei. Senti o bafo de cachaça e me virei de lado. Ele respirava forte e se colou às minhas costas, se esfregou na minha camisola e gemeu e começou a resfolegar cada vez mais depressa. Fiquei aflita e preendi a respiração pra não chorar. Ele sossegou e logo estava ressoando. Levantei. Assim que apareci na porta do quarto, vi a mãe no corredor. Ela pegou na barra da minha camisola, olhou a gosma grudada ali e me chamou de puta. Foi me puxando pro meu quarto, me deu um vestido pra eu me trocar, me empurrou até a porta de casa, enfiou um dinheiro na minha mão e disse não volte nunca mais. Quando cheguei ao portão, escutei o choro dela.

A velha abraçou a moça. O que estaria sentindo a mãe de Kalu naquela noite, vinte e três anos atrás? Devia conhecer o marido e, com certeza, sabia que a capacidade de infligir dor é muito maior do que a capacidade de sofrer. Não disse nada durante um bom tempo, só encontrando as mais comuns palavras de consolo:

— Já passou.

— Não passa nunca.

— E você nunca mais voltou?

— Nunca mais. Naquela noite, fui até o bar onde podia encontrar o Raspadinha. Ele disse ai, boneca, a esta hora na rua, e eu lhe perguntei se podia dormir na casa dele. Que casa?, ele disse. Eu estou na rua. Mas tenho uns trocados e

uma ideia. Vamos tomar um ônibus pra Marabá. Tem muita gente indo pra lá e ficando rico por causa de Serra Pelada.

Kalu e Raspadinha dormiram na rua e de manhã descobriram que o dinheiro não dava para as passagens. Decidiram procurar trabalho por ali mesmo em Belém. Arranjaram emprego como faxineiros na cozinha da Boate Royal, lavando pratos e panelas. Raspadinha logo encontrou um mulato forte que o levou para Marabá e de lá para o garimpo de Serra Pelada. Kalu ficou em Belém e, em menos de um ano, foi promovida a ajudante de cozinha. Variando de funções, acabou aprendendo o ofício. Sabia ler receitas, era gulosa e tinha força de vontade, acumulando vantagens sobre as outras ajudantes.

Raspadinha telefonou algumas vezes para Kalu na Boate Royal e, da última vez que ligou, disse que o Restaurante Colher de Pau em Marabá estava procurando uma auxiliar de cozinha, e pagava o dobro do que uma cozinheira ganhava em Belém. Kalu pegou o ônibus na rodoviária e foi para Marabá. Era 1983.

Quando Raspadinha morreu esfaqueado, um ano mais tarde, a caldeirada de tucunaré do Restaurante Colher de Pau feita por Kalu, então com quinze anos, já ganhara fama como a melhor caldeirada do Pará. Ela também assava um tatu de primeira e, quando alguém pedia a receita, dizia apenas que ferventava o tatu antes de assar, evitando mencionar os segredos do molho de cerveja.

Kalu recebia propostas de garimpeiros. Respondia de cabeça em pé que estava ali naquela terra de safados, mas não vivia do seu corpo e sim do trabalho na cozinha. Depois fez amizade com d. Vilma, dona não só do restaurante, mas do Motel Tudo Azul, que ficava em frente ao Colher de Pau.

Um belo dia, um bamburrado fechou o motel da d. Vilma

para uma festa e ofereceu uma grana preta à madame para levar Kalu a seu quarto. D. Vilma convenceu a menina com jeitinho e a deixou no quarto. O homem montou em Kalu. Nas veias dela correu areia no lugar de sangue e seu corpo virou cimento. O homem perguntou se ela não sabia se mexer e meteu com força. Ela gritou de dor, estendeu o braço, agarrou um cinzeiro pesado que ficava na mesinha ao lado da cama e o quebrou na testa do garimpeiro. Foi um berreiro dos diabos. Ele xingando, Kalu gritando e d. Vilma esbaforida impedindo em altos brados que o garimpeiro esganasse a rainha da cozinha. Ele disse a d. Vilma que nunca tinha visto puta que não gostava de foder. No dia seguinte, Kalu teve uma cistite brava e d. Vilma lhe recomendou que sentasse numa bacia de água com vinagre. A menina não parava de chorar e d. Vilma foi à farmácia e voltou com umas pílulas escuras e Kalu urinou alaranjado durante dois dias e depois ficou boa. D. Vilma pediu perdão, entendeu que o lugar da menina era na cozinha e logo todo mundo ficou sabendo que, se Kalu tinha xoxota, de nada lhe servia. Ela era cozinheira e ponto final. Que ninguém se engracasse.

Kalu continuou passeando entre as mesas do restaurante para ouvir as conversas. Perguntava se a comida estava boa e recebia elogios: ninguém naquelas bandas tinha um tempero igual, e a caldeirada era a melhor do mundo.

Quando João começou a frequentar o Colher de Pau com fones nos ouvidos, Kalu notou que ele era um garimpeiro diferente dos outros: mais alto, mais magro, louro de olhos claros, sempre calado, nunca ia ao motel. Ela sentou-se à mesa do Alemão e perguntou se ele gostava de tatu. Depois disso, sempre que João aparecia, ela se sentava à mesa dele e tentava puxar conversa. A princípio, João achou Kalu miudinha, quase infantil. Depois notou os olhos grandes cor de

mel, que revelavam a doçura escondida pela voz rouca e pelos gestos firmes. João percebeu a fragilidade de Kalu e assumiu uma atitude paternal em relação a ela. Com o passar do tempo, ela foi ficando mais à vontade, a voz rouca se amansando, deixando a atitude defensiva menos exposta e a astúcia bem à mostra.